

Necrópole Tardo-Antiga da Torre Velha 3, Serpa (Baixo-Alentejo, Portugal)

Catarina Alves^{*}, *Catarina Costeira*^{*}, *Susana Estrela*, *Miguel Serra*^{**} e *Eduardo Porfírio*^{**}

Resumo:

No âmbito das medidas de minimização de Impactes Arqueológicos da construção da Barragem da Laje (Serpa), executadas pela *Palimpsesto Lda.*, a cargo da *EDIA*, foi identificada uma necrópole tardo-antiga em Torre Velha 3. Em vinte e três estruturas funerárias de diferentes categorias de construção, foram identificados vinte e sete indivíduos e duas reduções. Apresentamos problemáticas acerca da cronologia exacta destes contextos que não oferecem espólio funerário datante e questões sobre o seu enquadramento cultural e regional.

Abstract:

In the aim of the study on the archaeological impacts resulting from the Laje's dam construction, under *EDIA's* responsibility, a *Palimpsesto Lda.* team identified a Late Antiquity necropolis in Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). In twenty-three funerary structures of several construction categories, there have been recognized twenty-seven individuals and two disarticulated bone assemblages. In this paper one questions about the exact chronology of these contexts that do not present grave goods and about their cultural and regional background.

* *UNIARQ*

** *Palimpsesto Lda.*



INTRODUÇÃO

1. Trabalhos arqueológicos realizados

O sítio arqueológico de Torre Velha 3 foi intervencionado pela empresa *Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.* no quadro do Empreendimento de Fins Múltiplos da Barragem de Alqueva, da responsabilidade da *EDIA, S.A.*, mais concretamente no âmbito do projeto de Construção da Barragem da Laje em Serpa.

Os trabalhos conheceram duas fases, desenvolvidas entre Dezembro de 2008 e Abril de 2009, abrangendo uma área de intervenção de 13.840 m².

Foi identificado um importante e vasto conjunto de realidades arqueológicas com ampla diacronia, num total de 589 estruturas, reveladoras de ocupações desiguais e com hiatos, do Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Antiguidade Tardia e Época Islâmica (Alves *et al.* 2012; Estrela *et al.* 2012; Porfírio e Serra 2011; Alves *et al.* 2010).

2. Localização e enquadramento geográfico

O sítio arqueológico de Torre Velha 3 situa-se na Herdade de Torre Velha, freguesia de S. Salvador, concelho de Serpa e distrito de Beja, a uma altitude média de 180 metros, nas coordenadas geográficas: M-253962,711; P-111569,121 (Carta Militar de Portugal, escala 1/25000, nº 523) (Fig. 1).



Fig. 1.— Localização de Torre Velha 3 (Serpa) na Península Ibérica e vista geral dos trabalhos de escavação

Implanta-se numa suave elevação, que forma um pequeno meandro no curso do Barranco da Laje, sendo mais acentuada nas vertentes sul e oeste, permitindo fácil acesso e pouco destaque a Norte e Este.

Em termos geológicos, Torre Velha 3 situa-se no maciço de Beja, mais concretamente na unidade conhecida como “Pórfiros de Baleizão”, unidade (sub) vulcânica ácida, pós-metamórfica, com afloramentos avermelhados. Na zona imediatamente a oeste do sítio dá-se a transição para uma outra unidade geológica do maciço de Beja, o complexo gabrodiorítico de Cuba, que aflora de um modo descontínuo (Oliveira 1992: 29).

Na área intervencionada observam-se granitos desagregados do paleozóico, essencialmente filões concentrados à cota mais elevada do relevo, predominando os carbonatos, cobertos por argilas aluvionares.

Nas proximidades deste sítio arqueológico localizam-se algumas linhas de água. O Barranco da Laje corre entre as elevações onde foram localizados os sítios de Torre Velha 5 e Torre Velha 3, e contorna este último pelos lados de Este e Norte. A cerca de 3 km a leste encontra-se o Barranco do Franco, curso de água que, em conjunto com o Barranco da Laje é subsidiário da Ribeira do Enxoé que, por sua vez, desagua no Rio Guadiana.

1. OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS TARDO-ANTIGOS DE TORRE VELHA 3

Os 23 contextos funerários desta cronologia¹ identificados em Torre Velha 3 apresentam particularidades que os integram em três grandes grupos: covachos simples, sepulcros em caixas cerâmicas ou pétreas e fossas.

Muito provavelmente, estas categorias não terão significado cronológico, parecendo que correspondem a uma só necrópole com diferentes áreas de concentração, essas sim passíveis de atribuir diferenças sociais e/ou cronológicas (Fig. 2).

1. Uma revisão dos dados saídos da intervenção arqueológica conduziu à afinação cronológica de alguns dos contextos funerários de Torre Velha 3. Existem inumações de cronologia islâmica, sobre as quais contamos elaborar em breve um estudo mais aprofundado.

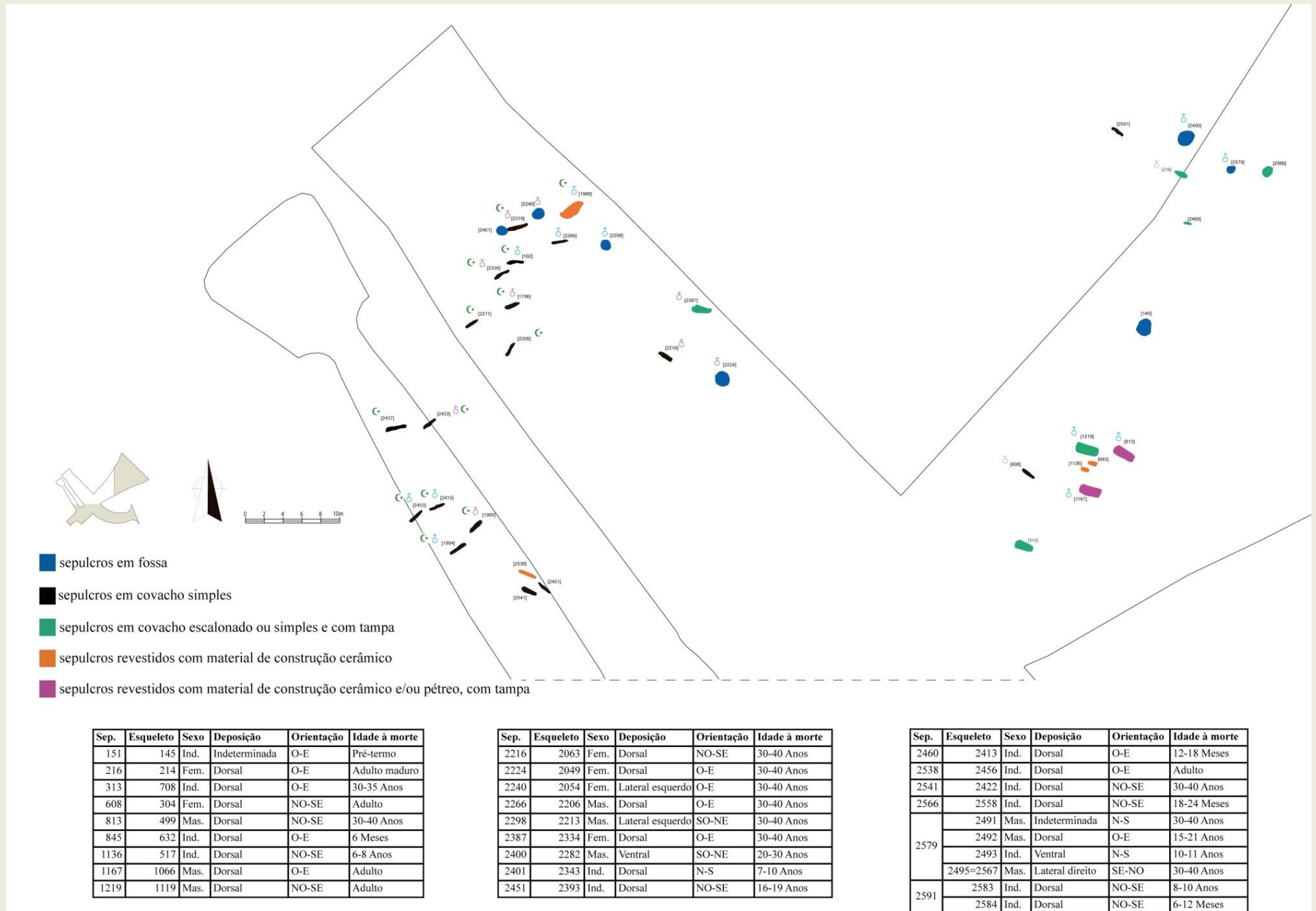


Fig. 2.— Planta dos contextos funerários de Torre Velha 3

Relativamente às orientações dos indivíduos, verifica-se que a sequência Oeste-Este possui valor na ordem dos 41% afigurando-se como a tendência em Torre Velha 3, seguida por 37% das orientações dos cadáveres de Noroeste para Sudeste, 11% Norte-Sul; 7% Sudoeste-Nordeste e por último o alinhamento Sudeste-Noroeste com apenas quatro pontos percentuais. Ao cruzar os dados da orientação com o tipo de deposição dos esqueletos, verifica-se que a sequência Noroeste-Sudeste apenas está associada a enterramentos em decúbito supino, enquanto a deposição em decúbito lateral esquerdo está relacionada simultaneamente com as orientações Oeste-Este e Sudoeste-Nordeste.

1.1. Covachos simples

No sítio foi possível identificar cinco sepulturas de inumação simples, sendo que em duas delas existiam reduções.

O facto de neste tipo de sepulcros ter sido escavado apenas o suficiente para depositar um corpo, implicou que tanto os restos osteológicos como os limites das próprias estruturas funerárias estivessem muito afectados pela acção antrópica posterior. No entanto, foi possível caracterizá-las como estruturas negativas abertas no substrato geológico [224] mediante a realização de um corte de morfologia e perfil rectangular com os topos arredondados e paredes ligeiramente côncavas. Estas estruturas simples acolhiam o inumado e um único depósito de enchimento que selava a sepultura.

Os inumados encontravam-se depositados exclusivamente em decúbito dorsal e orientados de Noroeste para Sudeste e nos casos melhor conservados, foi possível verificar que os membros superiores se encontravam ligeiramente flectidos, com as mãos sobre o púbis. Em dois casos foi possível aferir o sexo, tratando-se de indivíduos do sexo feminino. Sobre o apuramento da idade à morte, em dois casos os indivíduos sepultados tinham entre 30 a 40 anos, dois



Fig. 3.— Sepulturas em covachos simples. a) Indivíduo [304] da sepultura [608], com corte feito no silo/fossa [800]; b) Indivíduo [2063]; c) Indivíduo [2393]

eram inumações infantis (uma de uma criança com idade à morte apurada entre os 6 e os 12 meses e uma outra entre os 8 e os 10 anos) e noutro caso existia uma inumação juvenil (16 a 19 anos) (Figs. 3 e 4).

Nenhuma das sepulturas apresentava qualquer tipo de espólio o que, num primeiro momento, dificulta uma apreciação cronológica. No entanto, a estratigrafia de algumas destas sepulturas, as posições e orientações dos esqueletos são consentâneas com o (largo) intervalo temporal que é a Antiguidade Tardia.



Fig. 4.— Sepulturas em covachos simples. a) Indivíduo [2422] e redução [2423]; b) Indivíduo [2583] e redução [2582]

A estratigrafia observada no sítio permitiu reconhecer uma situação de truncagem entre interfaces. A estrutura funerária [608], com o enterramento [304] (Fig. 3a) corta o silo/fossa [800] e o seu primeiro depósito de enchimento, datado da Antiguidade Tardia. Esta situação remete-nos para questões inter-

pretativas mais complexas, relacionadas com a relação entre o espaço da necrópole e o de cariz doméstico no sítio de Torre Velha 3 durante o período da Antiguidade Tardia. Sobre elas nos deteremos com maior pormenor no capítulo 2. Mas podemos desde já mencionar que os dados dos covachos apontam para uma situação de posterioridade relativamente a estruturas de apoio a um núcleo habitacional.

Por norma, verifica-se que as dimensões das sepulturas são calculadas em função da estatura dos inumados. Um caso paradigmático é o da sepultura [2591], onde foram identificados dois enterramentos e uma redução. A sepultura apresenta, aparentemente, um excesso métrico em termos de comprimento e largura, quando confrontada com as inumações identificadas. A razão de ser desta disparidade encontra-se precisamente na existência da redução [2582] colocada por cima do indivíduo infantil [2583], cuja idade à morte se apurou entre os oito e os dez anos (Fig. 4b) e que foi sepultado na extremidade oposta à inumação de um outro indivíduo infantil, [2584], com uma idade à morte apurada entre os 6 e os 12 meses.

Esta evidência leva-nos a equacionar a hipótese de se tratar de uma sepultura onde se depositaram indivíduos com algum tipo de vínculo, porventura de cariz familiar.

Relativamente à reutilização das sepulturas em covacho simples, temos apenas dois casos, porventura enunciadores de relações de parentesco que apenas podemos supor, uma vez que questões relacionadas com o espaço disponível não parecem ser passíveis de se colocar. Para além disso, podem apontar a existência de algum tipo de constrangimento económico ou social dos inumados. Simultaneamente ou não podem ser sinónimos de um uso relativamente prolongado no tempo, ao utilizarem a mesma orientação (Noroeste-Sudeste). Esta mesma leitura é feita noutros sítios peninsulares, como na necrópole toledana de El Encadenado/Soto (Vigil-Escalera Guirado 2007: 263).



Fig. 5.— Sepulturas em covachos estruturados, só com tampas. a) Indivíduo [214]; b) Tapa [300] e indivíduo [708]

1.2. Covachos estruturados

Em seis sepulcros, em tudo semelhantes aos descritos anteriormente - ainda que alguns sejam planimetricamente mais largos e por vezes escalonados, registou-se a particularidade da presença de uma tampa, que poderia recorrer só a elementos pétreos ou à combinação destes com fragmentos de cerâmica de construção (*lateres* ou *opus signinum*). Colmatavam os interstícios da pedra selando, assim, o espaço funerário.

A extensa maioria dos indivíduos foi inumada com a cabeça orientada para Oeste e os pés para Este, encontrando-se dois orientados de Noroeste para Sudeste.

Foi possível aferir o sexo dos inumados em três casos (dois femininos e um masculino). No referente ao apuramento da idade à morte, um dos indivíduos femininos era adulto maduro, o outro morreu numa idade compreendida entre os 30 e os 40 anos e sobre o indivíduo masculino apenas se conseguiu aferir uma idade adulta (Figs. 5 e 6).

No âmbito destes sepulcros em covacho simples com tampa queremos destacar o curioso caso do indivíduo [214], dada a peculiaridade da sua deposição e sepulcro. O indivíduo foi deposto sob uma tampa formada por blocos de calcário e fragmentos de *tegulae* em decúbito dorsal, com o crânio ligeiramente de lado em relação ao resto do corpo e orientação Noroeste-Sudeste. As mãos encontravam-se cruzadas ao nível do pescoço, os pés juntos mas os joelhos afastados. É clara a intencionalidade deste enterramento feminino, se atendermos à forma do sepulcro, que é losangonal (Fig. 5a). A interface corta um grande depósito argiloso cronologicamente atribuível também ao período tardo-antigo. Por ser completamente atípico muitas podiam ser as interpretações, mas aqui, e não querendo entrar no campo das conjecturas, resta a sua descrição dado que os dados arqueológicos e antropológicos não permitem mais aferições.

Neste universo de estruturas funerárias que reutilizavam materiais do quotidiano para formar sepulcros foram registados seis casos em Torre Velha 3. A diferença deste modo de enterrar relativamente aos descritos anteriormente (covachos simples e simples só com tampa) está patente no revestimento do covacho por quatro paredes construídas com materiais cerâmicos de construção e/ou elementos geológicos diversos, que formam uma caixa sepulcral de morfologia, obviamente rectangular e, dependendo dos casos, possuem ou não tampa e/ou base cerâmica. Todos estes registos partilham a ausência de reduções, espólio funerário e ossos soltos e um muitíssimo mau estado de preservação dos esqueletos.



Fig. 6.— Sepulturas em covachos estruturados, só com tampas. a) Tampa [978] e indivíduo [1119]; b) Indivíduo [2334]; c) Indivíduo [2413]; d) Tampa [2548] e indivíduo [2558]

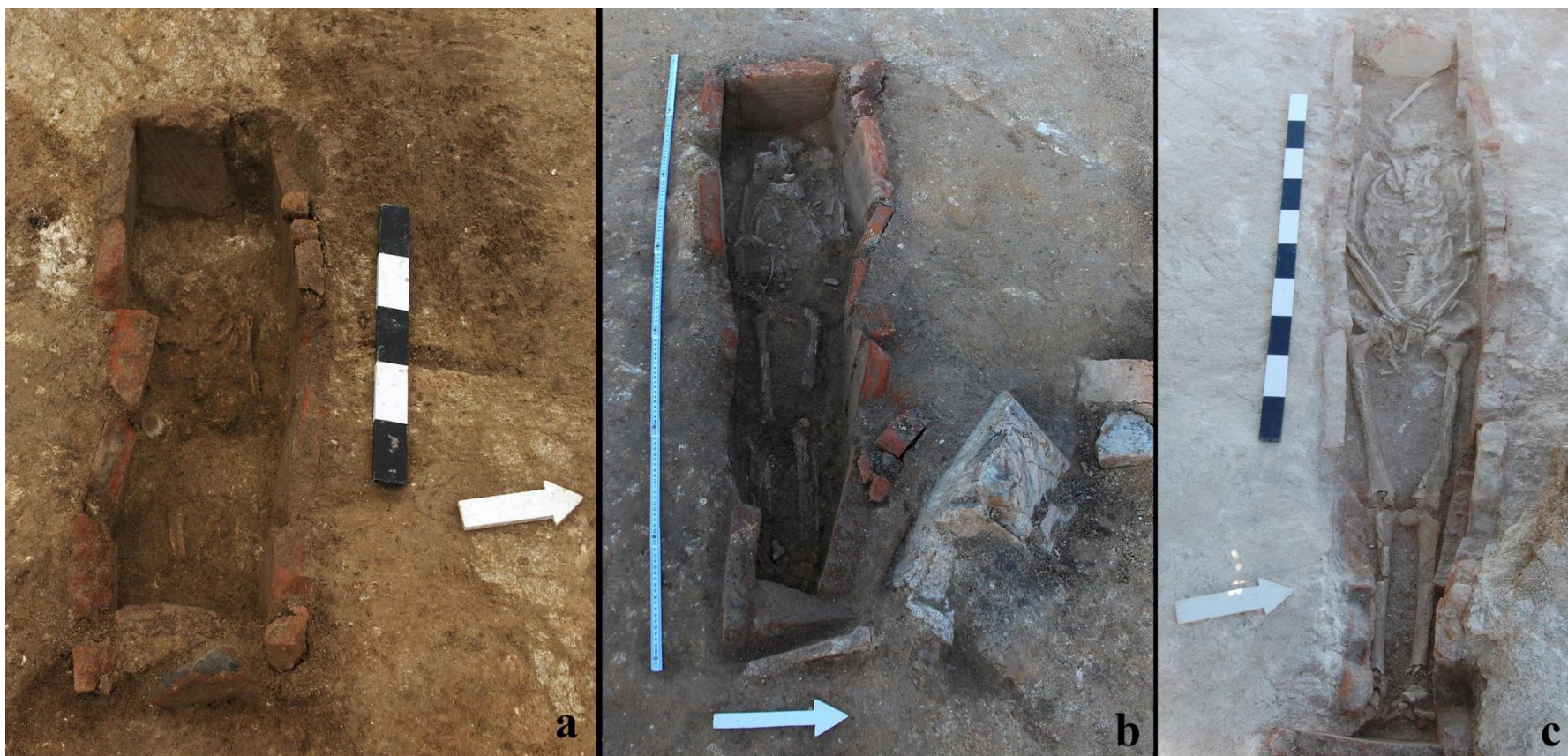


Fig. 7.— Sepulturas em covachos estruturados. a) Indivíduo [632]; b) Indivíduo [517]; c) Indivíduo [2456]

Podemos facilmente subdividir esta “moda” em duas variantes: sepulturas estruturadas que utilizam material de construção cerâmico – *lateres* – e sepulturas estruturadas que utilizam na sua construção além de *lateres*, material geológico (xisto, granito e mármore).

A primeira variante conta com três registos (Fig. 7). Na vala da sepultura [845] a caixa é composta por paredes de *lateres* dispostos em linha e em cutelo. A base, igualmente em *lateres*, cria um piso nivelado pronto para receber o corpo. No



Fig. 8.— Sepulturas em covachos estruturados. a) Indivíduo [499]; b) tampa [979] e indivíduo [1066]

último sedimento de colmatação do sepulcro verificou-se a presença de fragmentos de *lateres* em cutelo, que sugerem a presença originalmente de uma tampa (Fig. 7a). A sepultura [1136] comporta-se da mesma forma que a anterior,

com a excepção de não possuir vestígios de cobertura que selasse a sepultura (Fig. 7b). O terceiro registo deste género diferencia-se dos supramencionados pela ausência de base em material cerâmico, ou seja, o defunto [2456] foi depositado directamente sobre o substrato geológico (Fig. 7c).

A deposição destes esqueletos era exclusivamente dorsal, com dois indivíduos orientados de Oeste para Este e outro de Noroeste para Sudeste.

Em nenhum destes casos foi possível apurar o sexo. Quanto à idade à morte, os valores variam entre idades infantis (6 meses e 6-8 anos) e entre a idade adulta, mais ou menos apurada.

Relativamente à segunda variante foram registados dois exemplares (Fig. 8). O indivíduo [499] terá sido coberto por um ténue sedimento que, pelas suas características, poderá ser o resultado de fenómenos pós-deposicionais. Isto porque a base da tampa em granito, apesar de assentar directamente no topo das paredes, não cria uma superfície lisa, permitindo assim a penetração de sedimento da superfície, ou mesmo do aterro do contexto funerário. Entre os restos osteológicos e a tampa, existia uma total ausência de sedimento e o corpo ter-se-ia decomposto num ambiente muitíssimo oxigenado. Saliente-se que a parede longitudinal Norte é formada por dois grandes blocos graníticos, afeiçoados e reutilizados neste contexto, já que o de maiores dimensões possui uma concavidade numa das extremidades ao centro do perfil, cuja funcionalidade primária desconhecemos. Já a parede do corte oposto e os topos são compostos por lajes, colocadas igualmente em cutelo, mas de menor espessura e de xisto, cobertas por fragmentos de cerâmica de construção – *lateres* – sobrepostos na horizontal. Por fim, a base compõe-se de *lateres* decorados, formando uma base uniforme e aplanada (Fig. 8a). O indivíduo sepultado era do sexo masculino, com uma idade à morte apurada entre os 30 e os 40 anos e estava depositado em decúbito dorsal, orientado de Noroeste para Sudeste.

Da segunda sepultura deste género importa apenas reter que se diferencia da primeira pela presença na parede Norte de uma base de coluna em mármore e de um outro elemento arquitectónico em granito reaproveitado, sendo a cabeceira uma laje de xisto (Fig. 8b). A respectiva tampa conta, igualmente, com dois elementos arquitectónicos reutilizados (um bloco de forma rectangular que possui uma perfuração circular e transversal à peça, cuja funcionalidade também se desconhece e um outro que aparenta tratar-se de uma estela anepígrafa, pela forma e tratamento da superfície). Estão alinhados com um terceiro bloco granítico e intercalados por fragmentos de cerâmica de construção (*lateres*). Esta



Fig. 9.— Sepulturas em fossas. a) Indivíduo [145]; b) Indivíduo [2049]

sepultura, ao contrário da anterior, é cheia, para além do enterramento [1066], por um sedimento que ocupa a totalidade do espaço entre os restos mortais e a base da tampa pelo que, ao contrário da anterior, a decomposição dos tecidos moles terá ocorrido num ambiente livre de oxigénio. O esqueleto aqui depositado era do sexo masculino, estava depositado numa orientação Oeste-Este e em decúbito supino, tratando-se de um adulto, cuja idade à morte não se conseguiu definir com maior precisão.

Por terem uma representação numérica mínima nos contextos funerários presentes em Torre Velha 3, este tipo de estruturas podem ser indicativas de algum tipo de diferenciação social e mesmo cronológica – ainda que, neste caso, dentro do intervalo temporal tardo-antigo.

Se dúvidas houvesse quanto à sua integração cronológica, as relações estratigráficas de corte que algumas destas sepulturas exercem sobre outros contextos registados em Torre Velha 3 oferecem uma garantia. Meramente a título de exemplo refira-se as sepulturas [1219] e [813], que cortam estruturas negativas de cariz habitacional (fossas e silos/fossas) tardo-antigas ou a sepultura [1167], que corta parte de um hipogeu funerário da Idade do Bronze, para lá de um silo/fossa tardo-antigo.

1.3. Fossas

Em Torre Velha 3 existem, igualmente, sepulcros em fossa. Em sete destas estruturas negativas escavadas no substrato geológico [224] foram exumados restos osteológicos, num total de dez esqueletos. (Figs. 9 e 10).

À semelhança da extensa maioria dos restantes contextos domésticos detectados neste sítio (Alves *et al.* 2009; 2012) também estas estruturas teriam sido executadas com uma função primária destinada à armazenagem de produtos agrícolas, com a nuance de que em determinada altura o propósito de



Fig. 10.— Sepulturas em fossas. a) Indivíduo [2054]; b) Indivíduo [2213]; c) Indivíduo [2343]

utilização foi alterado e passaram a servir de sepulcro. Regra geral oscilam entre os 150 e 200 cm de potência estratigráfica com topos conservados entre os 100 e 150 cm de diâmetro.

Os indivíduos foram colocados nos sepulcros tanto em deposição ventral, dorsal como em lateral (esquerda e direita), existindo uma ténue preferência pelo decúbito dorsal, sendo que em nenhum dos contextos foi identificado espólio funerário e/ou ossos soltos.

Relativamente às orientações dos mesmos, verifica-se uma ausência de padrão. Na mesma medida, não detectámos qualquer organização nestes enterramentos, já que se encontram dispersos pelo sítio arqueológico. Esta situação coloca algumas questões relacionadas com o próprio sepultar destes mortos.

Com excepção dos indivíduos das fossas [2400] e [2579], os indivíduos encontram-se cuidadosamente colocados no interior dos sepulcros, ainda que em posições pouco ortodoxas. Assim, nos decúbitos dorsais temos o indivíduo

feminino [2049] que intencionalmente foi colocado com a nuca encostada à extremidade Oeste da fossa para ficar levantada em relação ao resto do corpo, com os olhos virados para Sul, as mãos cruzadas junto ao pescoço e as pernas esticadas, ligeiramente afastadas, (Fig. 9b). Temos ainda o exemplo do indivíduo de sexo indeterminado [2343] com as mãos junto à púbis e as pernas flectidas para Oeste (Fig. 10c).

Posto isto, e a serem contemporâneos dos já descritos, temos algumas dificuldades em atribuir significado na diferença de tratamento e forma de sepultar destes indivíduos. Uma das excepções constitui o indivíduo masculino [2282] que, deposto na base da estratigrafia, em decúbito ventral e braços colocados aparentemente de forma arbitrária, parece ter sido simplesmente atirado, para logo de seguida a estrutura ser preenchida com diferentes depósitos sedimentares repletos de lixo doméstico.

Se seis das estruturas negativas serviram de sepulcro a um indivíduo, uma apresentava enterramentos múltiplos. A fossa [2579] (Fig. 11) possuía por ordem de deposição o indivíduo [2567 = 2495] sem relação estratigráfica directa com os demais, muito mal preservado e com ausência de algumas partes anatómicas, nomeadamente membros inferiores. Seguem-se os esqueletos [2493], [2492] e [2491]. Esta estrutura contava ainda com a particularidade de nela ter sido depositado sobre o sedimento orgânico que cobre os esqueletos humanos, um equídeo [2440] em decúbito ventral e encostado à parede sul da estrutura. Existe uma clara intencionalidade de o circunscrever a um espaço mínimo e rodeando a estrutura, tal como prova o elemento pétreo que se apoia ao pescoço do animal impedindo que o crânio deste tombe para o centro da fossa.

Comparando os diferentes enterramentos desta fossa, é de notar a deposição muito mais cuidada da inumação animal, quando comparada com as inumações humanas. Este aspecto não implica uma qualquer alteração pós-deposicional nos esqueletos humanos provocada pela inumação do equídeo, dando a entender

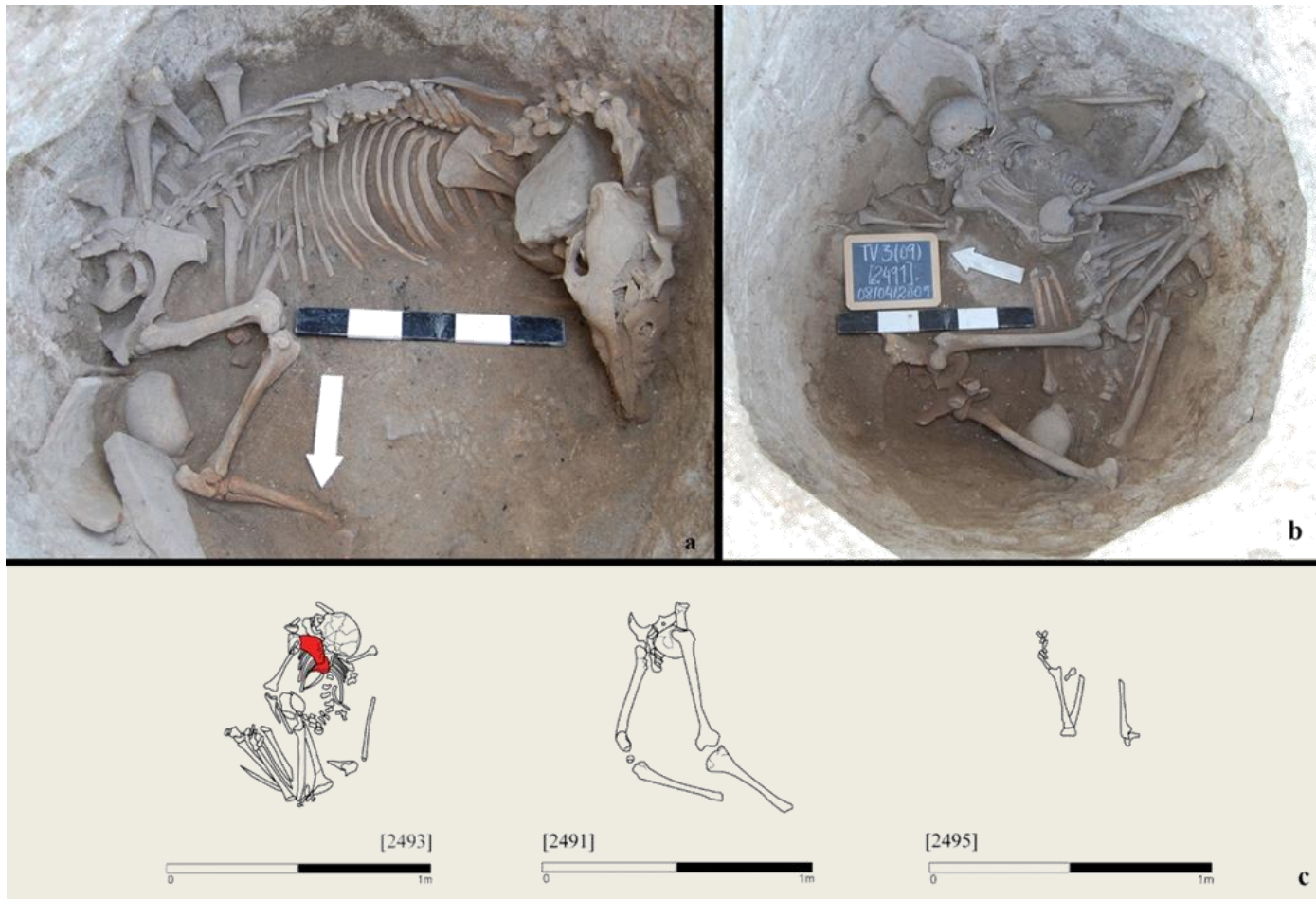


Fig. 11.— Fossa [2579]. a) Equídeo [2440]; b) Indivíduos [2491], [2492], [2493] e [2495 = 2567]; c) Planta do indivíduo [2493], [2491] e [2495 = 2567]

que foram de alguma forma atirados para o interior desta estrutura negativa, como deixam entender os inúmeros elementos de cerâmica de construção (*tegulae* e *imbrices*) que se amontoam com estes restos humanos. Constituem assim a outra excepção à regra de algum cuidado na deposição dos cadáveres dentro das fossas. A sucessão da deposição de esqueletos nesta fossa é aliás,

paradigmática de uma certa rapidez, o que poderá ser indiciador de um episódio de difícil percepção meramente pelo registo arqueológico (epidemia? proscritos?), urgindo um estudo antropológico aturado.

O facto de se poder associar a presença de um artefacto metálico a pelo menos um destes indivíduos (adiante descrito – v. ponto 3) não complica a aferição cronológica. Porém, traz novas questões relacionadas com a já mencionada situação algo descuidada da inumação.

Desconhecemos se a posição fetal e em decúbito lateral esquerdo de dois dos sepultados são comuns neste âmbito cronológico. No entanto, o registo arqueológico material recuperado tanto nas u.e.s sob e sobre os indivíduos não coloca dúvidas quanto à sua integração cronológica tardo-antiga.

De uma maneira geral, os sedimentos que cobriam os enterramentos não revelavam qualquer depuração e surgiam com frequentes fragmentos cerâmicos associados, sendo que nos primeiros estratos que preenchiem estas fossas, antes da deposição dos mortos, o registo artefactual tendia a escassear.

Apesar de esparsamente representadas pelo cabeço onde se implanta Torre Velha 3, algumas destas fossas são posteriores à existência de vestígios de cariz habitacional tardo-antigos. As fossas [2400] e [2579] cortam aterros desta cronologia.

2. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO SEPULCRAL

No que respeita à organização do espaço sepulcral e atendendo aos constrangimentos do empreendimento de cariz hidráulico em que esta intervenção se inseriu, é possível reconhecer duas concentrações no ponto mais elevado do cabeço. Ambas se dispersam de Sudoeste para Nordeste e poderão corresponder a uma única área sepulcral (Fig. 2).

A primeira conhece uma concentração de três sepulturas, sendo que duas são sepulcros em covachos simples e a restante é uma sepultura cujas paredes foram revestidas com *lateres*. Referimo-nos às estruturas [2451], [2541] e [2538].

Atendendo aos descritores utilizados (sexo, orientação, deposição e idade à morte dos sepultados), não parece fácil a identificação de pontos em comum. Poderemos estar, no entanto, perante algum tipo de vínculo, talvez familiar, dada a proximidade física das sepulturas.

A segunda área de concentração, localizada a Norte da primeira, deixa entender um espaço com seis sepulturas: o covacho simples [2216], o covacho estruturado com tampa pétrea e cerâmica [2387] e as fossas [2224], [2240], [2298] e [2401]. Também nesta área, à excepção da própria aglomeração dos contextos funerários, não se afigura fácil delinear um qualquer agrupamento socioeconómico, familiar ou de outro género.

Tal como já anteriormente referido, é bem possível que estas duas primeiras áreas de concentração possam corresponder a uma única. Mas mesmo neste caso não se observa qualquer tipo de diferenciação dentro destes sepulcros. A divergência parece estabelecer-se apenas em relação às restantes duas áreas de concentração de sepulturas (Fig. 2), localizadas em cotas inferiores do cabeço onde se situa a necrópole de Torre Velha 3, a oriente destes dois primeiros grupos e coincidentes com a mancha mais densa de estruturas de cariz doméstico.

Aqui, e mais uma vez, cremos tratar-se de uma única área sepulcral, desta vez não totalmente relacionável com constrangimentos relacionados com a área da intervenção arqueológica.

A primeira é composta por sete sepulcros: o covacho simples [608], dois com tampas pétreas –[313] e [1219]– dois totalmente estruturados [813] e [1167] e dois com estruturação nas paredes e nas bases, em *lateres* [845] e [1136].

Se filtrarmos a informação dos descritores utilizados, podemos encontrar algumas linhas comuns. A orientação Noroeste-Sudeste dissemina-se pelas quatro categorias de sepultura. A orientação Oeste-Este está presente nos covachos total ou parcialmente estruturados, em três das estruturas desta área de concentração.

No respeitante às idades à morte, não deixa de ser sintomática a presença de duas inumações infantis, precisamente nos dois sepulcros estruturados desta área de concentração que apresentavam *lateres* nas paredes e nas bases. A presença e cuidado na estrutura construída para estes indivíduos não deve ser ignorada, bem como não podemos omitir o facto de terem sido colocados entre duas sepulturas totalmente estruturadas, onde se encontravam dois indivíduos adultos do sexo masculino.

Uma quarta área de concentração de sepulturas, localizada a Este desta última, comporta a existência de seis sepulcros: o covacho simples [2591], três com a sepultura com tampa feita de materiais de construção – [216], [2460] e [2566] – e as fossas [2400] e [2579] (Fig. 2).

Em todos estes sepulcros, um pouco à semelhança do que ocorre nas duas primeiras áreas a que aludimos acima, não detectamos nenhum paradigma no referente a descritores como a idade à morte, deposições ou orientações dos inumados e mais uma vez se denota o mesmo grau de eloquência na variedade dos contextos funerários.

Aparentemente, a distinção maior é mesmo entre esta área e a terceira área e desta última em relação às duas primeiras, localizadas nos pontos mais altos do terreno intervencionado de Torre Velha 3.

Algo isolada e localizada entre a terceira e a quarta área de concentração, temos a sepultura em fossa [151], onde foi possível identificar um enterramento de um pré-termo, com 32 a 34 semanas de gestação e cujo decúbito não foi possível

determinar mas que se encontrava orientado de Oeste para Este. Trata-se de um episódio singular em Torre Velha 3, não tanto na escolha do sepulcro para acolher um enterramento com estas características.

Um aspecto que consideramos claro e de fácil observação é que, apesar dos condicionalismos relacionados com a área da intervenção arqueológica, foi possível dar conta dos limites Este e Oeste de uma necrópole relativamente extensa que, a prolongar-se, o deveria fazer no sentido de Norte, para fora da área decapada. Estamos, no entanto, conscientes de que o limite oeste da necrópole, porque difuso, necessita de confirmação peremptória.

Por último, importa referir que é difícil reconhecer uma lógica espacial na localização das sepulturas em fossa, nos covachos com tampa e nos covachos simples. A comunhão desta multiplicidade de possibilidades na arquitectura dos sepulcros é comum neste tipo de necrópoles tardo-antigas, como são os exemplos das necrópoles urbanas de Cartagena (Madrid e Vizcaíno 2006), Valência (Alapont e Ribera 2006) ou Munigua (Eger 2006). A novidade proporcionada por Torre Velha 3 reside na existência de enterramentos em fossa, situação para a qual desconhecemos paralelos.

As diferenças morfológicas e estruturais entre os sepulcros apresentados não permitem, no nosso entendimento, a aferição de pertença a contextos culturais e cronológicos muito díspares. Pelo contrário, esta necrópole rural, cronologicamente enquadrável num longo momento, segue uma matriz marcadamente tardo-romana, concretizada, por exemplo, na ausência de oferendas de alimentos no interior dos sepulcros ou na arquitectura das mesmas.

As diferenças nos esforços de construção dos sepulcros podem resultar das dinâmicas internas do próprio sítio relacionadas com disponibilidade, abordagem da paisagem e estatuto dos inumados. Estas divergências reflectem-se ainda na reutilização e respectiva variação de elementos de construção que foram os

sepulcros. Relativamente à orientação dos inumados cremos, no entanto, que mais do que uma questão religiosa, a própria diversidade das opções minoritárias resulta de constrangimentos do espaço disponível para sepultar, consequentemente, questões mais pragmáticas que etéreas.

Por outro lado, o modelo apresentado segue a tendência tardia de concentração no espaço de sepulturas mais simples escavadas na rocha, não parecendo ser uma casualidade a presença destas sepulturas mais modestas no ponto mais alto do cabeço, numa área onde mais tarde se concentrará a grande maioria dos enterramentos já adscritos a uma cronologia islâmica. Ao mesmo tempo, não parece ser um acaso a localização próxima das sepulturas estruturadas, que obviamente exigiram um maior dispêndio físico para a sua construção e deverão equivaler a um grupo propriamente dito, talvez com relações de parentesco. Em termos sociais, proporcionam uma leitura que não será de todo descabida: a de estarmos perante indivíduos com algum destaque na sociedade local.

Independentemente das inúmeras dúvidas e questões levantadas pelo conjunto funerário em estudo existiu uma necrópole tardo-antiga, cuja utilização se terá iniciado depois da ocupação do cabeço enquanto área de apoio a um núcleo residencial, onde se disseminaram pelo terreno estruturas do tipo silo, silo/fossa e fossa e raras estruturas positivas correspondentes a muros/paredes de espaços ainda de difícil definição funcional e cronológica. Esta é uma situação relativamente habitual e relacionada com a leitura de declínio lida por alguns investigadores a partir dos dados arqueológicos. Entre os séculos V e VII assiste-se, entre outros dados proporcionados pela arqueologia, “(...) à proliferação de espaços sepulcrais (...) em antigas áreas residenciais e /ou industriais (...)” (Bernardes 2009: 344).

Outro dado que parece seguro é o de que o cabeço conhece o seu fim de utilização apenas como área sepulcral, já que da época islâmica apenas se conhecem contextos funerários.

Esta situação está portanto de acordo com as restantes categorias de sepulcros referidas nos pontos 1.1 e 1.2, revelando a ocupação exclusiva do cabeço enquanto necrópole, a partir de determinada altura. Apenas os materiais arqueológicos, recolhidos em parte destes contextos funerários e noutros de teor habitacional nos permitem algum tipo de afinação cronológica, se quisermos, o princípio e o fim da necrópole tardo-antiga de Torre Velha 3.

3. ESPÓLIO TARDO-ANTIGO DE TORRE VELHA 3

Os objectos encontrados em Torre Velha 3 passíveis de serem interpretados como espólio funerário são exclusivos do interior de estruturas negativas do tipo fossa, ainda que não se encontrem em associação directa com os esqueletos.

Assim, destacamos uma placa em liga de cobre, rectangular e muito fina. Numa das suas extremidades observa-se o arranque de duas perfurações originais e na outra a placa encontra-se revirada para a base em toda a sua extensão. Uma das faces da peça está decorada por minúsculas incisões triangulares que perfazem linhas no sentido longitudinal da sua orientação. O estado de conservação deste artefacto, pese embora a sua limpeza e tratamento tenha sido realizado, não permite resolver as dúvidas que temos quanto à possibilidade de estar epigrafada (Fig. 12).

Existe um sem número de exemplares peninsulares que nos suscitam semelhanças morfológico-funcionais para a peça de Torre Velha 3, sem que exista um paralelo inequívoco. Desses exemplares destacamos o fecho de cinto da necrópole de La Torrecilla (Salamanca) encarada como sendo um dos materiais de “transição” entre a época tardo-romana e o período visigótico (Morín de Pablos e Barroso 2008, 156, fig. 2 A), ou, por exemplo, a placa decorativa da necrópole da Silveirona II (Estremoz) de inegável tradição germânica (Cunha 2004, vol I: 62 e vol II: 331, foto 52, nº 148). Em estudos já efectuados há mais de vinte anos (Ripoll 1991: 120, *apud* López Quiroga 2001:



Fig. 12.— Placa em liga de cobre (fotos de X. Veríssimo)

116) pode dar-se conta da sequência tipológica e cronológica de peças assimiláveis à de Torre Velha 3, sendo certo que o exemplar agora dado à estampa se inscreverá dentro do espectro temporal ali apresentado.

À semelhança deste exemplar daquela necrópole alentejana, cremos que o de Torre Velha 3 poderá ser uma placa decorativa de cinturão.

A peça foi detectada na fossa [2579], na interface entre um depósito sedimentar e o esqueleto do equídeo, num momento em que também já se vislumbravam o crânio e alguns ossos longos de uma das quatro inumações humanas ali primeiramente depositadas, o indivíduo [2493], cuja idade à morte se apurou entre os 10 e os 11 anos. Parece por isso plausível relacionar todos estes elementos arqueológicos, faunísticos e antropológicos.

Foi também recolhido no interior da fossa [2224], no sedimento imediatamente sobreposto pelo sepulcro de uma mulher com cerca de 30 a 40 anos de idade à morte – esqueleto [2049] –, um brinco anelar, igualmente em liga de cobre. Trata-se de um fragmento de um aro aberto, com secção circular, que se estreita na extremidade conservada e cujo remate de encaixe se encontra decorado por três espirais (Fig. 13).

Este tipo de adorno é muito recorrente em necrópoles de cronologia visigótica um pouco por toda a Península Ibérica e subdivide-se em dois grupos que se distinguem na zona de remate/encaixe do objecto. Se nuns, como no caso do exemplar da Torre Velha 3, o remate apresenta uma sequência de 2, 3 ou 4 espirais, noutros a ponta é geométrica (cone decorado). Estas duas variantes não têm, pensamos, implicações cronológicas diferentes, tendo sido detectadas nos contextos funerários hispânicos com datações entre os séculos V e VII.

Longe de sermos exaustivos quanto à geografia da dispersão deste tipo de adorno, salientamos no actual território português a presença em Talaíde - Cascais (Cardoso *et al.* 1995: 410), em Montinhos 6 e Loja 5, Serpa (Baptista e Gomes 2011: 33; Arezes *et al.* 2013), na necrópole da Silveirona II, em Estremoz



Fig. 13.— Brinco em liga de cobre (foto de J.N. Marques)

(Cunha 2004, vol. II: fig. 146; 2007: 682 e 685, fig. 8), com cronologia de meados do século VI ou na sepultura 11 da Horta de João Lopes, Vidigueira (Figueiredo 2012). Em território actualmente espanhol destacamos Almedinilla, Córdoba (Carmona 1990: 159) ou El Carpio del Tajo, Toledo (Ripoll 1985: 146-147, fig. 54, nº 11).

Os artefactos recuperados estão relacionados com a indumentária e com o adorno dos inumados o que, apesar de já ocorrer em períodos anteriores, se torna comum e é característico das inumações mais tardias, a partir do século VI d.C. Aliás, na maioria das vezes, são os únicos vestígios materiais identificados no interior das sepulturas desta época histórica, o que está bem documentado um pouco por toda a Península Ibérica.

A particularidade de em Torre Velha 3 existirem enterramentos desta cronologia em estruturas do tipo fossa, para as quais não detectámos paralelos poderia colocar em causa a sua adscrição cronológica. No entanto, como ficou provado, são realmente os únicos sepulcros que proporcionaram elementos datantes inequívocos, acima descritos.

Parece possível descartar a hipótese de que os materiais metálicos que surgiam nestas fossas sepulcrais se inscrevam, de alguma forma, em questões de ordem ideológica ou religiosa. Por outras palavras, trata-se de peças com algum valor económico, usadas apenas por uma parte da população, o que contraria de alguma forma o local de sepultamento dos indivíduos que os usavam. Talvez estejamos perante casos de contracção de recursos à data da morte destes indivíduos, atendendo aos seus sepulcros. No entanto, nestas ou noutras situações, não deixa de ser sintomática a diferença entre os materiais que ostentam e os seus locais de enterramento.

A parca presença de espólio votivo nas necrópoles visigóticas é consentânea do sucedido no sítio em análise. Este facto reflecte, segundo alguns autores, o que estabelece o cânone LXVIII que resultou do II Concílio de Braga em 572, que

proibia a colocação de alimentos no sepulcro (Gomes 2002: 376). Ainda assim, existem casos, raros, de contextos funerários onde se identificaram recipientes cerâmicos relacionados com a alimentação dos mortos.

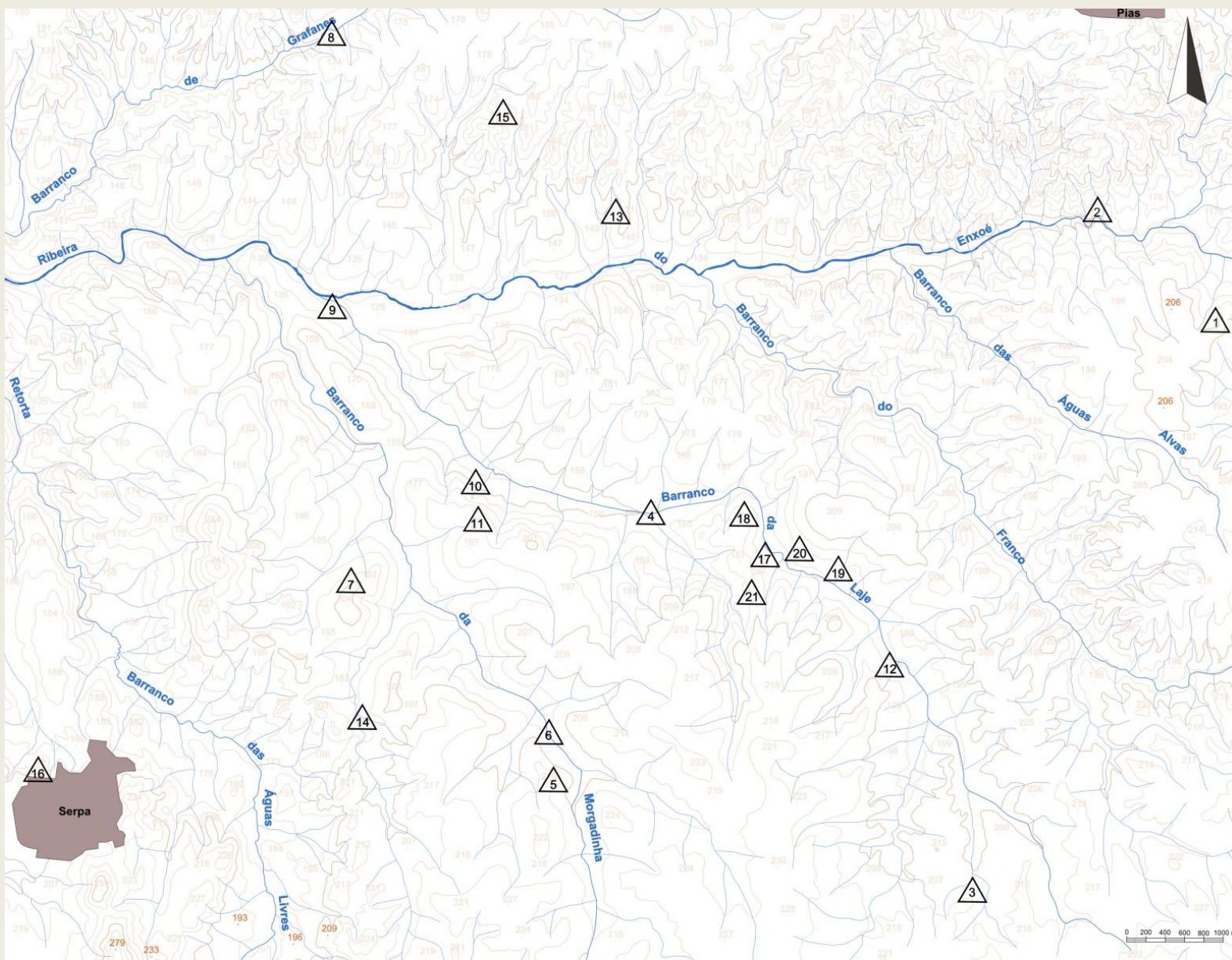
Assim, considerando o sítio no seu todo e em particular a cronologia atribuída ao espólio metálico apenas presente nos sepulcros em fossa e sempre muito exíguo, apontamos uma sequência temporal para esta necrópole num intervalo que se situará entre os sécs. V-VII.

4. INTEGRAÇÃO CULTURAL E REGIONAL

Se quisermos relacionar a presente necrópole com um qualquer núcleo habitacional teremos de ter em atenção os sítios de Torre Velha 1 e de Torre Velha 7, bem como a necrópole de Torre Velha 13. Para a análise contam ainda os materiais identificados nas sondagens efectuadas em Torre Velha 11 (Fig. 14).

Torre Velha 1 localiza-se a Sudeste de Torre Velha 3, na margem direita do Barranco da Laje. As sondagens conduzidas por Adriaan De Man revelaram um núcleo habitacional tardo-romano com cronologias consentâneas com as já apresentadas, ainda que com indícios de uma ocupação “ (...) não anterior a uma fase avançada do Alto Império”. O espaço externo, que adossava à reconstrução de um dos compartimentos identificados, teria conhecido ocupação apenas em época tardo-romana (De Man *et al.* no prelo).

Em 2010, o sítio foi alvo de alargamento, a cargo de Teresa Ricou da Ponte, que o considerou como um exemplo óptimo do apogeu das *villae* hispânicas durante o século IV, identificando, entre outras estruturas, um *alveus* geminado. O sítio teria tido um eventual prolongamento até ao século V, achando arriscado cronologias posteriores, mesmo com a identificação de materiais do século seguinte num dos compartimentos correspondente a um forno construído por cima do *alveus* (Ponte 2011: 65).



1. Alpendre de Lagares 1
2. Alpendre de Lagares 3
3. Cabeça de Azinho
4. Capela 3
5. Cidade das Rosas 1
6. Cidade das Rosas 2
7. Courela do Arco
8. Corte do Poço 1
9. Entre Águas 1
10. Espicharrabo 1
11. Espicharrabo 4
12. Laje
13. Loja 5
14. Monte de Santa Justa 1
15. Montinhos 6
16. Necrópole de Serpa
17. Torre Velha 1
18. Torre Velha 3
19. Torre Velha 7
20. Torre Velha 11
21. Torre Velha 13

Fig. 14. — Sítios baixo-imperiais e tardo-antigos na envolvente de Torre Velha 3.

Torre Velha 7, situado mais a Este, na outra margem do Barranco da Laje, corresponde a um local com um horizonte de época baixo-imperial, balizado entre os séculos III e V d.C. Um alargamento de parte das áreas das sondagens iniciais permitiu dilatar a cronologia do sítio, aferindo os inícios da sua ocupação da dinastia Flávia (2ª metade do século I d.C.) ou eventualmente dos inícios do século seguinte, sendo portanto “ (...) contemporânea da primeira instalação da villa “vizinha” romana da Torre Velha 1” (Matos 2011: 38). Entre outras estruturas, foi identificado um lagar, atestando o sítio como uma área de produção relacionada com a existência de uma exploração agrícola.

Torre Velha 13, na margem direita do Barranco da Laje e a cerca de 1250 metros para Sul de Torre Velha 3, corresponde a uma necrópole Romana Imperial, datada “(...) provisoriamente” de entre os séculos I e III d.C. (Baptista *et al.* 2012: 754), composta por 19 sepulturas disseminadas por dois núcleos. Nos casos em que existiam restos humanos, foi possível verificar uma homogeneidade na deposição dos corpos, em decúbito dorsal, orientados Nordeste-Sudeste num dos núcleos e de Oeste para Este no outro núcleo. Os inumados faziam-se acompanhar por vasos cerâmicos (de fabrico comum e lucernas), tendo sido recolhidos ainda fragmentos de peças em vidro. Para estes materiais foram adscritas as cronologias atrás expostas (Baptista *et al.* 2012: 753-754), embora não seja descabido, quanto a nós, alargar a baliza final da necrópole até ao século IV, atendendo a alguns dos materiais cerâmicos publicados. O sítio é interpretado como devendo ser a necrópole relacionada com Torre Velha 1 (Baptista *et al.* 2012: 751, 753-754), o que a avaliar pelas cronologias apontadas por parte dos investigadores que sobre os dois sítios se debruçaram, oferece algumas incongruências.

Em Torre Velha 11, as sondagens de diagnóstico deram a conhecer fragmentos cerâmicos de “cronologia romana” descontextualizados, sem associação a estruturas positivas ou negativas (Santos e Conceição 2009:32). Atendendo à sua

localização, estes vestígios diversos deverão estar relacionados quer com o núcleo habitacional de Torre Velha 1 quer com o núcleo oficial de Torre Velha 7 (Fig. 14).

Com o propósito de alargar os horizontes para lá do vale do Barranco da Laje, os vestígios deste território rural enquadrado entre *Sirpens* (Serpa) a Oeste e *Fines* (Vila Verde de Ficalho) a Este dão conta de uma relativa quantidade de sítios arqueológicos, decorrentes quer de projectos de investigação quer de projectos de minimização de impactes sobre o património. Providenciam, tal como no vale da Laje, perspectivas de estudo bastante interessantes para a época em questão.

Muitos sítios são apenas conhecidos através de prospecção, outros foram escavados parcialmente ou em boa parte da sua área original de ocupação. Todos, no entanto, evidenciam que é possível encontrar, mais do que rupturas, continuidades que se prostram na herança romana da arquitectura funerária, por exemplo.

Atente-se na posição da necrópole de Torre Velha 3 e do núcleo habitacional de Torre Velha 1 que cremos indissociáveis: se o acesso a Torre Velha 1 se fizesse pelo lado sudeste, onde se localiza a ocupação residencial, então as sepulturas de Torre Velha 3 que consideramos privilegiadas seriam as de acesso prioritário, afastando-se do local dos vivos a zona sepulcral mais modesta.

Outros sítios arqueológicos proporcionam a ligação entre o núcleo habitacional e o respectivo espaço funerário. Listem-se, meramente a título de exemplo, Cidade das Rosas 1 e 2 (Serpa), Alpendre de Lagares 1 e 3 (Serpa), Assento de Chico Roupá 1 e 2 (Vila Verde de Ficalho), entre outros.

Neste último local, uma datação por AMS deu a conhecer uma cronologia do século VII, podendo abranger a primeira metade do século seguinte, contemporânea portanto da basílica identificada sob a actual Igreja Velha de S. Jorge,

em Vila Verde de Ficalho (Soares *et al.* 1997: 31), onde foi identificada uma lápide funerária datada indubitavelmente do século VII, num templo cristão cuja construção se terá iniciado no século VI (Antunes e Soares 2009: 1150-1159).

Exclusivamente pensando nos contextos funerários deste território rural, e atendendo aos dados de Assento de Chico Roupa 2, não deixa de ser interessante a perpetuação dos modos de sepultar, semelhantes aos dos séculos V-VI, em enterramentos datados através de métodos absolutos que dão cronologias dos séculos VII-VIII.

O mundo rural deste longo período balizado entre os séculos V e VIII continua pouco explorado. Ainda assim, os contextos funerários de âmbito urbano estão muito melhor conhecidos. A título de exemplo, conhecem-se hoje muitos dos espaços funerários da cidade tardo-antiga de Mértola (Macias 2005; Lopes 2009).

A necrópole de Torre Velha 3, sendo mais que um mero ponto no mapa pode ajudar a caracterizar melhor este longo período cronológico, não só dentro de uma perspectiva meramente local, a do vale do Barranco da Laje, como num âmbito regional. Para tal, será necessário a aglutinação de esforços que procurem conhecer não só os aspectos do mundo funerário como aqueles que se debruçam sobre as vivências de um território rural.

Este nosso estudo pretende ser apenas um ponto de partida. Apesar disso, parece claro que, mais do que uma ruptura, estes momentos aferem continuidades culturais que acompanham o processo de transformação tradicionalmente lento das práticas religiosas, numa transição entre culturas e entre o paganismo e o cristianismo, traduzidos nas formas diferentes de homenagear os mortos e de organizar o espaço. Este aglutinar do novo ao velho coloca-nos severas dificuldades interpretativas na hora de atribuir cronologias finas a contextos que não permitem suportar o discurso científico de elementos de classificação pacífica.

A orientação das sepulturas poderia ser um critério diferenciador de alguns núcleos nesta necrópole, mas apenas mencionando o tipo melhor representado, o dos covachos estruturados, observamos uma situação bipartida, dentro de cada uma das subvariantes deste tipo de enterramento.

Na hora de procurar caracterizar em termos culturais e religiosos estes enterramentos, podemos referir, a título de exemplo, que a orientação do período visigótico (dentro dos parâmetros estabelecidos por Wolfram 2011: 11-13) privilegia a orientação Norte-Sul, em enterramentos lidos como sendo de populações com origens germânicas (Ripoll 1985:21). Em Torre Velha 3, esta orientação surge em algumas inumações em fossa, sendo que uma delas se refere ao indivíduo inumado com 10-11 anos de idade à morte que continha a placa de liga de cobre adscrita a uma cronologia balizada entre os séculos V e VIII.

Concluindo, podemos observar uma perfeita diversidade de situações, até mesmo uma certa liberdade nos enterramentos, pelo que podemos aferir e, neste particular, que os dados saídos das estruturas negativas de Torre Velha 3, que serviram de apoio a um núcleo habitacional, ganham interesse, quanto mais não seja pelo facto de ajudarem a caracterizar o período imediatamente anterior à ocupação do cabeço enquanto necrópole.

De qualquer modo, parece ser ponto assente a mesma ausência de arbitrariedade na escolha do eixo, observada noutros contextos peninsulares. Existem casos em que predomina o eixo de tradição romana Este-Oeste, especialmente a partir do século IV, como seja nas necrópoles urbanas de El Carpio del Tajo (Ripoll 1985), Valência (Alapont Martin e Ribera i Lacomba 2006), Cartagena (Madrid Balanza e Vizcaíno Sánchez 2006), Munigua (Eger 2006) ou na necrópole associada ao mausoléu da Quinta de Marim (Graen 2007), contras-tando com outras variantes como na necrópole do Poço dos Mouros, onde predomina o eixo Sudoeste-Nordeste (Gomes 2002).

Gostaríamos de terminar com a ideia de que se os vestígios materiais do Alto Império romano na região de *Pax Iulia* se encontram razoavelmente conhecidos, o mesmo não se poderá dizer do Baixo-império, complicando-se ainda mais a situação depois da divisão do Império no século V, e, neste particular, das evidências da religião cristã que, aos poucos, ao longo dos séculos, consegue destronar o paganismo. Nesta perspectiva, os dados saídos das recentes intervenções arqueológicas na área compreendida entre Serpa e Vila Verde de Ficalho ganham pontos de interesse para estudos mais aprofundados.

Agradecimentos: queremos agradecer à Professora Doutora Helena Catarino, aos Professores Doutores Amílcar Guerra e Carlos Fabião e aos Drs. Teresa Pereira, Margarida Figueiredo, Carlos Pereira e Samuel Melro que, não sendo responsáveis por qualquer eventual equívoco no texto apresentado, contribuíram com as suas opiniões técnicas para a sua concretização e interpretação.

BIBLIOGRAFIA

- ALAPONT, L. e RIBERA, A.V. (2006): “Cementerios tardoantiguos de Valencia: arqueologia y antropologia”. *Anales de Arqueología Cordobesa*. 17 (II): 161-194.
- ALVES, C., COSTEIRA, C., ESTRELA, S., PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2012): “Torre Velha 3 (Serpa): Dados Preliminares”. *Al-Madan online (2ª série)* 17 (1): 31-38.
- ALVES, C., COSTEIRA, C., ESTRELA, S., PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2009): *Torre Velha 3. Relatório Final (2ª fase). Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- ALVES, C. *et al.* (2010): “Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre velha 3 (Serpa, Portugal). O Sudeste no Sudoeste?”. *Zephyrus* 66: 133-153.
- ANTUNES-FERREIRA, N. e SOARES, A.M.M. (2009): “A sepultura paleocristã de *Martinus* (V.V. de Ficalho, Serpa). *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 1149-1173.
- AREZES, A., PINHEIRO R., RODRIGUES Z., BAPTISTA L. e GOMES S. (2013): “Contextos Funerários da Antiguidade Tardia no concelho de Serpa: Loja 5 e Montinhos 6”. *VI Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Villafranca de los Barros: 1911-1927.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2011): *Intervenção Arqueológica em Montinhos 6*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L., PINHEIRO, R. e RODRIGUES, Z. (2012): “A necrópole romana de Torre Velha 3 (S. Salvador, Serpa)”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 751-764.
- BERNARDES, J.P. (2009): “As transformações no fim do mundo rural romano no Sudoeste peninsular: evidências e problemas arqueológicos (sécs. V-VII)”. *Anales de Arqueologia Cordobesa* 20: 323-348.
- CARDOSO, G. e CARDOSO, J.L. (1995): “A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais) ”. *IV Reunión d’Arqueología Cristiana Hispánica*. Lisboa: 407-414.
- CARMONA, S. (1990): “La necrópolis tardorromana de «El Ruedo», Almedinilla. Córdoba”. *Anales de Arqueología Cordobesa* 1: 155-172.

- CUNHA, M.W.E da (2004): *Silveirona: do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia. Sete décadas depois*, (Dissertação de mestrado inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- CUNHA, M. (2007): “As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz). Reflexões sobre a Antiguidade Tardia”. *III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Vipasca (2ª série) 2*: 678-685.
- DE MAN, A., PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (no prelo): “ O sítio romano da Torre Velha 1. Trabalhos de 2008-2009 (Barragem da Laje, Serpa) “. *Actas do IV Colóquio de Arqueologia de Alqueva*.
- EGER, C. (2006): “Tumbas de la Antigüedad Tardía en Munigua. Tipos de tumba, ritos de enterramiento y ajuares funerarios en una pequeña ciudad del sur de España en los siglos III/IV a VII”. *Anales de Arqueología Cordobesa*. 17 (II): 137-160.
- ESTRELA, S., COSTEIRA, C., ALVES, C., PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2012): “Torre Velha 3 (Serpa): um novo ponto do mapa da Idade do Ferro do Sudoeste”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 235-268
- FIGUEIREDO, M. (2012): *Horta de João Lopes. Núcleo A. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Circuito Hidráulico de Pedrogão (Vidigueira)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- GOMES, M. (2002): “A Necrópole Visigótica do Poço dos Mouros.” *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5 (2): 339-391.
- GRAEN, D. (2007): “O sítio de Quinta de Marim (Olhão) na época tardo-romana e o problema da localização da *Statio Sacra*”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 10 (1): 275-288.
- LOPES, V. (2009): “As necrópoles de Mértola. Do mundo romano até à Antiguidade Tardia”. In J. López Quiroga e A.M. Martínez Tejera (eds.): *Morir en el Mediterráneo Medieval. Actas del III Congreso Internacional de Arqueología, Arte e Historia de la Antigüedad Tardía y Alta Edad Media Peninsular*. Madrid: 31-58.
- LÓPEZ QUIROGA, J. (2001): “Elementos «foráneos» en las necrópolis tardorromanas de Beiral (Ponte de Lima, Portugal) y Vigo (Pontevedra, España): de nuevo la cuestión del siglo V d.C. en la Península Ibérica”. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid* 27: 115-124.
- MACIAS, S. (2005): *Mértola. O Último Porto do Mediterrâneo*. Mértola.
- MADRID, M. J. e VIZCAÍNO (2006): “La necrópolis tardoantigua del sector oriental de Cartagena”. *Anales de Arqueología Cordobesa* 17 (II): 195-224.

- MATOS, C. (2011): *Realização de trabalhos arqueológicos de minimização de impactes decorrentes da Barragem da Laje. Torre Velha 7, Serpa*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- MORÍN DE PABLOS, J. e BARROSO, R. (2008): “El mundo funerario. De las necrópolis tardorromanas a los cementerios hispanovisigodos en el oeste peninsular”. *El tiempo de los “Bárbaros”. Pervivencia y Transformación en Galia e Hispania (ss. V-VI d.C.)*. Zona arqueológica 11. Madrid: 148-180.
- OLIVEIRA, J.T. (1992): *Carta Geológica de Portugal – escala 1:200 000, Notícia explicativa da folha 8*. Lisboa.
- PONTE, T.R.N. da (2011): *Torre Velha 1, 2ª fase. Relatório final da intervenção de 2010*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2011): “Rituais funerários e comensalidade no Bronze do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados a partir de uma intervenção arqueológica no sítio de Torre Velha 3 (Serpa)”. *Estudos do Quaternário* 6: 49-66.
- RIPOLL, G. (1985): *La Necrópolis Visigoda de El Carpio de Tajo (Toledo)*. Excavaciones Arqueológicas en España 142. Madrid.
- SANTOS, R. e CONCEIÇÃO, E. (2009): *Relatório Final dos Trabalhos de Minimização de Impactes no sítio de Torre Velha 11 (Barragem da Laje, Serpa)*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- SOARES, A.M.M., SANTOS, A.L. e UMBELINO, C. (1997): “A necrópole paleocristã do Assento de Chico Roupa (Vila Verde de Ficalho, Serpa)”. *Arqueologia Medieval* 10: 23-33.
- VIGIL-ESCALERA, A. (2007): “Granjas y aldeas altomedievales al Norte de Toledo (450-800 d.C.)” *Archivo Español de Arqueología* 8: 239-284.
- WOLFRAM, M. (2011): *Uma Síntese sobre a Cristianização do Mundo Rural no Sul da Lusitania. Arqueologia. Arquitectura. Epigrafia*, (Tese de Doutoramento inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.